

O PENSAMENTO DECOLONIAL NA INVENÇÃO DA MACABÉA OUTRA: “FLOR DE MULUNGU”¹

DECOLONIAL THINKING IN THE INVENTION OF THE OTHER MACABÉA: “FLOR DE MULUNGU”

DOI 10.70860/ufnt.entreletras.e19532

Rosemere Ferreira da Silva²

Resumo: O artigo aborda as Macabéas. A primeira refere-se à personagem do livro *A hora da estrela*, escrito por Clarice Lispector e a segunda faz menção à personagem *Macabéa: Flor do Mulungu*, inventada por Conceição Evaristo. Ao destacar a exemplaridade das duas escritoras no trato com o texto literário, a análise concentra-se mais na literatura afro-brasileira e consequentemente na poesia implicada no texto de Evaristo para a construção da Macabéa outra como crítica decolonial. O pensamento decolonial produz reflexões acerca do que significou o colonialismo, incidindo diretamente no despertar de uma consciência Negra ativa e comprometida com a transformação do conhecimento.

Palavras-chave: Macabéa; Flor de Mulungu; Pensamento Decolonial.

Abstract: The article addresses the Macabéas. The first refers to the character from the book *A hora da estrela* (2019), written by Clarice Lispector, and the second mentions the character *Macabéa: Flor do Mulungu* (2023), invented by Conceição Evaristo. By highlighting the exemplary nature of both writers in their handling of literary texts, the analysis focuses more on Afro-Brazilian literature and, consequently, on the poetry implied in Evaristo's text for the construction of the other Macabéa as a decolonial critique. Decolonial thought produces reflections on the meaning of colonialism, directly affecting the awakening of an active Black consciousness committed to the transformation of knowledge.

Keywords: Macabéa; Flor de Mulungu; Decolonial thought.

Introdução

No recente artigo intitulado “Intelectuais Negras nas Ciências Humanas: as contribuições de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Conceição Evaristo” e publicado no livro *Leituras de EtniCidades*³, argumento sobre a importância da produção do conhecimento

¹ Referência ao título da obra *Macabéa: flor de mulungu*, escrita por Conceição Evaristo.

² Rosemere Ferreira da Silva é Pós-Doutora em Literatura Filosófica Feminista Afro-Caribenha pela Universidade de Connecticut (UConn), Doutora em Estudos Étnicos e Africanos e Mestre em Letras, Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, onde coordena o grupo de pesquisa Literatura e Afrodescendência (LAD). E-mail: roserosefr2000@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2812-0819>

³ SOUZA, Florentina da Silva. *Leituras de EtniCidades*. Salvador: Segundo Selo, 2022.

as ciências humanas orientada por um pensamento crítico voltado para uma outra geografia da razão. No mesmo trabalho, destaco a relevância da produção intelectual das escritoras em evidência para problematizar uma interpretação de Brasil descolada das histórias e memórias de afrobrasileiros e o quanto tem sido chocante estabelecer crítica aos processos de dominação sem levarmos em consideração a pluralidade de vozes e caminhos.

Apesar da literatura brasileira se dizer plural, é notório, a partir de um rápido levantamento de obras, autores e autoras, que a “invenção” das histórias e das personagens ainda padece de uma representatividade mais expressiva no tocante aos segmentos sociais historicamente oprimidos no contexto brasileiro. A literatura pode e deve ser uma forma de representação inclusiva dos “problemas” que caracterizam a sociedade, buscando através da criação literária, e o que efetivamente decorre dela, a imersão do sujeito social em um estado de consciência sobre a sua própria existência.

E neste sentido a literatura questiona: quem somos e onde pretendemos chegar na “descoberta” de um “si” repleto de possibilidades de existir. Existir sob diferentes dimensões e perspectivas que nos calçam para pisarmos intelectualmente fortes no mundo com todas as nossas diferenças, sejam elas de raça, de classe, de gênero e/ou de sexualidade. Pensar a criação de personagens na literatura é avançar para um desnudamento do campo social, da sua engrenagem, e da forma como as coisas do mundo estão postas ao que é humano. Quantos personagens foram criados na literatura com a finalidade de interpelar o mundo? Vários. Mas há personagens que existem a partir de uma existência marcada pela peculiar maneira de interpelação.

Quando Clarice Lispector decidiu escrever *A hora da estrela*⁴, e sair do que José Castello chamou de “inflexão intimista”, criou, uma das personagens mais singulares da literatura brasileira, Macabéa. O texto de Lispector, imbuído de uma linguagem distinta, é uma verdadeira “aula” de criação literária, que põe no mundo todas as particularidades e peculiaridades da personagem protagonista. Macabéa não é só uma mulher nordestina que indaga o mundo e a si mesma. A protagonista nasceu do ato da criação ficcionalizada na existência do feminino e da crítica ao que o próprio feminino representa socialmente. Mulheres como Macabéa não passam despercebidas porque nelas estão vivas as impressões de um ser radicalmente destoante dos anseios de uma sociedade excludente. Conforme reflexão da própria autora, *A hora da estrela* é um livro inacabado por falta de resposta. Talvez Clarice Lispector tivesse se referindo a uma

⁴ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

não resposta à complexidade do enredo da inusitada trajetória de uma personagem tão sofisticada como Macabéa na sua constituição. A história que compõe a trajetória de Macabéa não é a resposta e sim a pergunta que anima um “sim”, no pensamento, na escrita.

A Macabéa “inventada” por Clarice ganhou mundo e interpretações. Na sua singularidade, se tornou plural, aguçando a curiosidade e o desafio de uma outra Macabéa, a “Flor de Mulungu”⁵, a que não morre nunca, mas se transforma em múltiplas possibilidades de existência para o coletivo. Foi assim que a escritora Conceição Evaristo soprou, “no tutano do verbo”⁶, para que a Flor de Mulungu permanecesse no mundo, revivendo-a. Evaristo, consciente da proposição de continuidade da vida para Macabéa, desenhou uma personagem repleta de poesia, que revive, através da força da natureza, nos entremeios de cada expressão feminina do feminino presente na criação.

A morte decididamente não é o fim para Macabéa. Macabéa é uma inspiração comprometida com a criação. Os dilemas da personagem de Clarice Lispector, ou a sua exatidão diante do mundo que lhe aflige e rejeita, a maneira como escolheu lutar, combatendo o lado esquisito das coisas esquisitas, fez da história da protagonista uma quase “obrigação” de vida e revelação. A história de Macabéa é verdadeira embora tenha sido forjada na invenção. E não poderia jamais morrer junto com a protagonista porque carrega em si as complexidades do ser humano e mulher diante de todos os enfrentamentos de uma vida nada fácil.

Ao lançar-se na empreitada de oferecer a continuidade da vida à Macabéa, Evaristo apressa o passo minucioso da criação na distinção de uma Macabéa outra, reinventada e comprometida com o ato do que é mais precioso à vida e a sua maturidade, o tempo. Só a sabedoria da passagem do tempo foi capaz de ultrapassar a dor de uma personagem nascida para tanta “sofrência”, nas palavras da escritora. As dores de Macabéa não são incuráveis. Mas são dores que doem no fundo da dor. Incurável mesmo é a nossa incapacidade de estreitamento dos laços com o que sente Macabéa. A Flor de Mulungu, a criatura, sente e faz o criador (a) sentir que a escrita é um ato de contestação da existência que existe por meio da verdade.

Parecem duas, talvez sejam duas em uma, que se aproximam e se completam. As duas Macabéas foram forjadas, através do material básico da escrita, a palavra, e lapidadas na explosão criativa de duas escritoras indubitavelmente inquestionáveis sob o ponto de vista da competência literária. No entanto, o que se anuncia aqui, é mais do que isso, é a percepção

⁵ EVARISTO, Conceição. *Macabéa: flor de mulungu*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

⁶ Menção ao verso do poema “Da calma e do silêncio”, de Conceição Evaristo.

crítica da literatura como elemento fundamental à responsabilidade da função intelectual diante de práticas, conceitos, pesquisa e estudo que tentam reverter os efeitos da colonização.

O pensamento decolonial representa uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos subalternizados que foram historicamente oprimidos e durante muito tempo silenciados. Como vertente crítica pós-colonial, o pensamento decolonial produz reflexões acerca do que significou o colonialismo para os países colonizados pela Europa. Neste sentido, a literatura contemporânea produzida no Brasil tem apresentado diferentes formas de análise e conceitos que, por dentro do pensamento decolonial, incidem sobre a desconstrução da lógica da colonialidade que provém das relações de poder e de dominação expressas nas relações intersubjetivas. O conceito da “escrivência”, cunhado pela intelectual Conceição Evaristo, presente no âmbito do projeto literário da escritora, voltado para uma literatura filosófica, instiga objetivamente a construção, de um tipo de conhecimento de valorização aos modos de ser e de representar indivíduos, grupos e comunidades com foco na realidade e complexidades das clivagens racial e de gênero no contexto brasileiro.

A literatura escrita por Evaristo rompe com o pensamento hegemônico e com noções ocidentais e eurocêntricas alicerçadas por um sistema capitalista que reverbera profundas desigualdades sociais. Na versão ampliada do conto *Macabéa: flor de mulungu*, Evaristo, na reinvenção da personagem criada por Clarice Lispector na obra *A hora da estrela*, propõe uma releitura da “silenciada” Macabéa, reposicionando-a como uma mulher forte e profundamente decidida, disposta a renascer pela força motriz dos antepassados negros e nordestinos. A personagem ficcionalizada por Evaristo não morre, pelo contrário, vive, carregando consigo o florescimento de muitas Macabéas, na busca pelo direito à diferença e abertura de um pensamento- outro.

A literatura é uma das portas de entrada para o mundo inventivo, correspondendo a uma proposição crítica desse mundo e dos seus sistemas, apresentada de diferentes formas e a partir das histórias de personagens distintos. A literatura está comprometida com uma leitura política de mundo, alicerçando um arcabouço fundamental na descoberta do “eu” e do “outro”. A história colonial, e aqui especificamente a brasileira, está repleta de violência, de maus tratos e de sufocamento e extermínio dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros. O pensamento decolonial, produzido por uma literatura decolonial, é a resposta à construção do conhecimento desassociada da lógica da colonialidade. Evaristo, ao reviver Macabéa, a Flor do Mulungu, exemplarmente desmonta concepções coloniais que marginalizam e invisibilizam e em nome

da verdade, da sabedoria ancestral e da existência do feminino traz de volta à vida Macabéas semelhantes à Flor de Mulungu.

1 Quem é Macabéa, Flor de Mulungu?

A história de Macabéa, Flor de Mulungu, começa pela sua morte. É o estado de quase morte que traz o início da reinvenção da vida à personagem. No compasso de um ínfimo instante, a Flor de Mulungu, renasce. Revivê-la seria reinventá-la descolada do padecimento solitário do existir. Por que reinventar uma personagem que viveu, as angústias, as dúvidas, as dores e as incertezas da sua própria existência na obra *A hora da estrela*? Dentro da Macabéa, Flor do Mulungu, cabem outras Macabéas. A invenção da primeira proporcionou a estranheza de um ser quase único e a criação da segunda a impossibilidade de na primeira se encerrar a existência, a vida. A primeira Macabéa é a mulher, a personificação do ser que antes de nascer nem tinha motivos para viver, dada a sua incompatibilidade de existência no mundo. A segunda, quase morta, não morre, vive.

Rodrigo S. M, o narrador inventado por Clarisse Lispector ao contar a história de Macabéa em *A hora a estrela*, explica: “O que escrevo é mais que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu [...] o de revelar-lhe a vida” (Lispector, 2019, p. 11). Macabéa causa estranheza pela sua falta de lugar no mundo. Antes mesmo da sua invenção primeira, a personagem nascia de uma criação “fria”, nas palavras de seu criador. De uma vontade de contar tudo sobre uma “vida primária”, completa ele, que certamente passaria despercebida aos olhos de alguém não atento como substituível.

A história de Macabéa em *A hora da estrela* é de uma nordestina que resiste em ficar no sertão e vai para a cidade. Entre os desafios da cidade grande, o maior de todos consistia em sobreviver nela com a sua diferença. Como a cidade responderia à presença de Macabéa? A cidade é cruel e mais cruel ainda são seus habitantes que, na vida apressada, não enxergam uns aos outros como, de fato, são. Macabéa vive a estranheza daqueles que a rodeiam e se estranha com uma maneira de ser alheia a existência de pessoas como ela. Por isso, a vontade de comprar um buraco e de se meter lá na esperança de apartar-se da incredulidade do mundo.

A Macabéa, Flor de Mulungu, nasce da poesia, quase em sua personificação, nasce do estado de brevidade para a eternidade. Embora a Flor de Mulungu seja porta voz de dores eternas, dores doídas na alma, dores causadas no mundo incrédulo, a personagem resiste e vive. Macabéa, a Flor, carrega a sabedoria dos que resistem. Aprendeu com os mais velhos que as dores causadas pelo mundo são marcantes, mas nunca paralisantes. Macabéa tinha

conhecimento de mundo e o exercitava através da própria capacidade de utilizar a linguagem por meio do estranhamento com as palavras. Que língua é essa? Que língua é essa que confunde e embaralha o que se aprendeu na prática do cotidiano popular? A “língua de Béa” é uma só, aquela que reivindica o não estado de alienação da diferença.

Parece muito sagaz que a Flor de Mulungu tivesse herdado a sabedoria dos seus. Uma sabedoria que se renova a cada passo, a cada geração, em constante diálogo com histórias e memórias que nos fazem vivos e por meio delas um pouco mais sobre o que efetivamente somos e representamos é conhecido. Sem esse laço fortalecido com os antepassados, a Flor, não encontraria forças para a sobrevivência na resistência. A ancestralidade é a força motriz que une o passado ao presente, assegurando uma possibilidade de futuro transformadora de todas as dores sentidas por Macabéa.

A herança ancestral de Macabéa é definidora da sua existência no presente. Conhecer a experiência ancestral é criar conexões e sentidos entre linhas temporais distintas, mas unidas com a finalidade de continuidade da vida em plenitude. A ancestralidade não morre nunca, ela é prolongada na temporalidade. Na alternância da responsabilidade entre mais os velhos e os mais novos, sem que os laços que os unem sejam apartados. Como existir sem conhecer em nossa subjetividade a objetividade da existência? A pergunta parece retórica, mas não é. O questionamento carrega a profundidade da vida da Flor de Mulungu que não abandona, e não pode abandonar, sob hipótese alguma, a comunhão com a ancestralidade.

A referência ancestral africana, no texto de Evaristo sobre Macabéa, é o ponto de partida para um rememorar de histórias lastimavelmente desconstruídas, mas recuperadas nas lembranças e nas memórias de um povo resiliente. Macabéa é mulher de ofício e metaforicamente recompõe-se no cerzimento os fios quase puídos dos lenços esgarçados. Em cada fio, em cada pedaço, recomposto, se refaz uma história recuperada no tempo da diáspora africana. Macabéa é também parteira e conhecedora de ervas. Pelas mãos de Béa vem e o significado do feminino ampliado em sua corporeidade, cuja referência é também indígena. Béa cultiva a importância da vida, demonstrando intimidade com a natureza das coisas e das plantas. O conhecimento da personagem sobre a história, a vida e as ervas vêm da herança ancestral, de uma fonte inesgotável que se faz e se refaz na experiência de existência por nós representada.

A Macabéa de Evaristo nos conforta e reconforta com o poder da vida, vivendo em todas nós com o objetivo da transformação pessoal e social. Flor de Mulungu transformou-se no símbolo de um povo apartado, que encontra nos laços ancestrais identitários o verdadeiro motivo da sua união. Macabéa, Flor de Mulungu, atravessa a narrativa de Clarisse Lispector

para nos contar outra história, que tem efetiva ligação com a primeira, mas criada com proposição de enfoque na fundamental relevância do coletivo feminino negro e de suas referências ancestrais africanas e indígenas. A narradora de Evaristo, ao contrário do narrador de Lispector, identifica-se com Macabéa e chega a afirmar ser Macabéa. E não seria diferente, já que a proposição da literatura afro-brasileira é produzir diferentes “interpretações” da sociedade brasileira a partir do pensamento dos escritores e escritoras afro-brasileiros. Flor de Mulungu é parte, conforme atesta Edmilson Pereira de Almeida, da “tradição fraturada” da literatura brasileira, indubitavelmente pronta a viver e florescer. (Almeida *in* Duarte, 2011, p. 09)

2 Pensamento Decolonial e Literatura Afro-Brasileira

Muitas interpretações já tivemos na tentativa de definir o Brasil (Silva, 2022). Em diferentes áreas das ciências humanas já “criaram” histórias para conhecermos as histórias da formação social, cultural e política brasileira. Tudo começa com o “descobrimento”, que entendemos hoje fazer mais sentido achamento da *terra brasilis*. Pois bem, o achamento mudou completamente a nossa interpretação sobre o Brasil e as diversas formas de exploração e violência colonial com base na escravidão. O mundo colonial foi erigido na escravidão com apoio irrestrito da unidade da Igreja na expansão do catolicismo. No Brasil (século XVI), os efeitos da catequese reverberaram uma conversão forçada dos povos indígenas, africanos e afrodescendentes, mudando a imagem que tinham de si mesmos. Os indígenas chegaram a receber dos colonizadores o estatuto de *tábula rasa*. (Santiago, 1982, p.15). Mas o que significou, de fato, a experiência da colonização no Brasil para os povos colonizados? Santiago esclarece:

Dentro da experiência eurocêntrica, a experiência da colonização é basicamente uma operação narcísica, em que o outro é assimilado à imagem refletida do conquistador, confundido com ela, perdendo por tanto a condição única da sua alteridade. Ou melhor: perde a sua verdadeira alteridade (a de ser o outro, diferente) e ganha uma alteridade fictícia (a de ser imagem refletida do europeu. O indígena é o Outro europeu: ao mesmo tempo imagem especular deste da própria alteridade indígena recalcada. Quanto mais diferente o índio, menos civilizado; quanto menos civilizado, mais nega o narcisismo europeu; quanto mais nega o narciso europeu, mais exigente e premente a força para torná-lo imagem semelhante; quanto mais semelhante ao europeu, menor a força da sua própria alteridade. Eis como se desenrola a ocupação. Eis como se cria a “inteligência” no Brasil. (Santiago, 1982, pp 15-16)

Embora não faça menção no artigo, a referência utilizada por Silviano Santiago tem claras relações com o conceito desenvolvido por W.E.B. Du Bois sobre dupla consciência. A dupla consciência corresponde ao conflito interno de grupos colonizados pela violência opressora. Du Bois reconheceu que um dos principais problemas em torno das pessoas negras

envolveria uma questão filosófica (Gordon, 2008). A formulação metodológica de Du Bois em *The Souls of Black Folk* (1903) implicava em reconhecer os problemas que interferem no desenvolvimento das pessoas negras e não as interpretá-las como um problema. Ao estudar as condições de vida das pessoas negras na Filadélfia, Du Bois constatou a importância de reconhecê-las como seres humanos.

O mais chocante no processo colonial brasileiro e nas nuances da formação do povo brasileiro é constatar que as experiências da colonização intervieram diretamente na forma de ser de colonizadores e colonizados, constituindo-se como uma cultura de bases eurocêntricas, detentora da verdade e voltada para o estabelecimento de hierarquias para os povos subalternizados. No entanto, conforme constata Ribeiro, ao discutir a formação e o sentido do Brasil, embora estivéssemos atados a forma de ser lusitana, desenvolvemos características próprias:

A sociedade brasileira e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória europeia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos. O Brasil emerge, assim, como um renovo mutante, remarcado de características próprias, mas atado genesicamente à matriz portuguesa, cujas potencialidades insuspeitadas de ser e de crescer só aqui se realizaram plenamente. (Ribeiro, 1995, p. 20)

Para Ribeiro, o *povo novo*, na sua singularidade com os portugueses (e, sem dúvida, com espanhóis e franceses, acrescentaria), tem qualidades diretamente relacionadas às matrizes indígenas e afro-brasileiras. Qualidades que nos definem por meio de experiências de vida e organização social díspares, que sobreviveram à brutalidade repressiva da ânsia narcísica do colonizador. Os traumas deixados pela colonização em seus propósitos violentos de exploração e repressão causaram nos grupos subordinados consequências múltiplas na constituição e reconhecimento da identidade étnico-racial.

Indígenas, africanos e afro-brasileiros resistiram a mentalidade e o domínio colonial por meio das revoltas, conflitos armados e insurreições em diferentes partes do território nacional, demonstrando capacidade e poder de organização contra a institucionalidade da escravidão. O abolicionismo tornou-se uma das formas mais representativas de ativismo político no século XIX, por meio da qual algumas vozes intelectuais negras passaram a ser proeminentes como a do político e advogado Antonio Pereira Rebouças⁷, por exemplo.

⁷ Para conhecer a história de Antonio Pereira Rebouças ler *O fiador dos brasileiros*, escrito por Keila Grinberg. A autora analisa a trajetória de Rebouças como um personagem fundamental no Brasil do século XIX. Grinberg magistralmente relata dados biográficos do intelectual e ativista para compreender o universo jurídico e político da época sobre cidadania, fim da escravidão no Brasil e a constituição dos direitos civis para africanos e seus descendentes.

Na literatura escrita no Brasil no século XIX é notória a falta de estudos mais aprofundados sobre o pensamento e as trajetórias dos intelectuais negros omitidos pela crítica e historiografia literárias. Domingos Caldas Barbosa, Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, Cruz e Souza, Lima Barreto, Lino Guedes, dentre outros, são alguns nomes que cabem no contexto. Já o caso emblemático de Machado de Assis, embora extensamente discutido pela crítica literária, foi mais recentemente estudado por Duarte (2020) sob a perspectiva étnico-racial⁸. A obra de Machado tem relações óbvias com a crítica aos ditames de uma sociedade escravocrata. Ao contrário das tentativas de isenção de Machado no assunto, o escritor não deixou de trazer para o centro do debate literário o tema mencionado em peças e excertos, na crítica teatral, nas crônicas, nos contos e nos romances, é o que demonstra Duarte no livro *Machado de Assis Afrodescendente*. Machado de Assis talvez seja o exemplo mais intrigante, em narrativas consideradas eurocêntricas, da não aceitação da exemplaridade literária associada ao pensamento negro no século XIX.

Indiscutivelmente as ideias de Frantz Fanon, intelectual martinicano e revolucionário no século XX, refletem sobre os traumas da colonização e a responsabilidade dos intelectuais em contestar as relações de poder que desumanizam o ser humano. Em *Pele negra máscaras brancas* (2008), o autor versa sobre a crítica incisiva da negação do racismo contra o negro na França e no mundo moderno. Segundo Gordon⁹, o livro examina a pretensa degeneração das pessoas negras, rejeita a tese das contingências e das exceções, não considera todos como racistas, mas faz um exame do racismo em termos profundos, abordando problemas epistemológicos, discutindo a liberdade como cerne das relações humanas e propondo mecanismos para a abordagem do problema.

Fanon traça mecanismos de abordagem do racismo implicados na descolonização do conhecimento, provocando desconforto na forma como pensamos sobre nós mesmos. Ao propor a descolonização, Fanon desconstrói a ideia da distinção entre sujeito e objeto, destacando como os problemas epistemológicos nas ciências influem na linguagem e na formação dos sujeitos. Para Fanon, a descolonização compreende a inteligibilidade do processo histórico e do indiscutível questionamento à condição colonial. Descolonizar é desmontar

⁸ Conferir *Machado de Assis Afrodescendente*, de Eduardo de Assis Duarte. O livro aborda a discussão da obra de Machado de Assis, destacando o papel do escritor como intelectual negro no século XIX. Assis dá enfoque à negritude de Machado, considerando-a um aspecto chave para a compreensão dos textos machadianos em relação a temas polêmicos como a escravidão.

⁹ Conferir o prefácio do livro *Pele Negra, máscaras brancas*, escrito por Lewis Ricardo Gordon, para a edição brasileira publicada pela EDUFBA em 2008.

práticas, concepções e conceitos que excluem a história e a cultura dos povos oprimidos, abrindo possibilidades teórico-metodológicas para que possam fazer ecoar as suas próprias vozes.

Na América Latina, as ideias de Fanon influenciaram a construção de um pensamento crítico voltado para a transformação do conhecimento. Os pensadores latino-americanos, inspirados na luta pela desconstrução da lógica da modernidade, empenharam-se não apenas em denunciar ou desfazer o colonial, mas em criar condições para a emergência da diferença e dos saberes silenciados pelas estruturas colonizadas. O pensamento decolonial questiona a modernidade e o eurocentrismo opondo-se radicalmente a uma visão de mundo única.

Para autores como Gordon¹⁰, há vários conceitos para modernidade, mas o mais crítico de todos abarca uma visão de mundo que coloca a Europa no centro da sociedade moderna e da história, ressaltando que alguns seres humanos pertencerão ao futuro e outros não. Segundo o intelectual, se no presente não há possibilidade de projeção do futuro para a permanência da existência humana, isso significa que no futuro alguns grupos humanos serão deslegitimados. Para Gordon há quatro tipos de invisibilidade, que merecem destaque na Euromodernidade: a invisibilidade racial, a invisibilidade ligada à terra, que atinge diretamente aos povos indígenas, a invisibilidade especificamente conectada às vozes das mulheres e a última que diz respeito a maneira como todas essas invisibilidades mencionadas estão relacionadas à produção do conhecimento.

No momento contemporâneo, o debate nas ciências humanas está voltado para a produção do conhecimento através da construção de epistemologias outras que sejam capazes de questionar as incompletudes históricas. Quais narrativas adotam a legitimidade das experiências humanas negligenciadas pelo processo histórico na formação de cada povo? A literatura brasileira, nas sua especificidade afro-brasileira, tem se apresentado com veemência neste sentido. Os intelectuais afro-brasileiros por dentro da “fratura da literatura brasileira”, rememorando as palavras de Edimilson de Almeida Pereira, têm colocado em prática projetos literários de “correção” dessas incompletudes.

Os autores e autoras afro-brasileiros têm trabalhado na formulação de um tipo de conhecimento literário, com enfoque no reconhecimento e valorização das identidades negras, que colabora em demasia com a crítica à constituição social, política e cultural de uma

¹⁰ Conferir a discussão posta por Lewis R. Gordon em “Four Kinds of Invisibility from Euromodernity” TEDx UConn https://www.youtube.com/watch?v=bW_G3-DwtQw

sociedade assumida como afro-brasileira. O desafio desse tipo de escrita é reverter a ideia da naturalização de sociedade brasileira hierarquizada em bases racistas como algo subjacente à história forjada por ideologias dominantes e propagada, em certa medida, pela literatura instituída. Neste sentido, o trabalho dos intelectuais negros e negras é pontual, estratégico e categoricamente meticuloso porque envolve o que Ianni chama de operações “ideológicas”.

São várias e difíceis as operações “ideológicas” que os escritores negros realizam para desanuiar o ambiente, mapear as situações presentes, resgatar a história, desvendar a sua matéria de criação, formular os seus temas, pesquisar as suas linguagens, alcançar a transparência na relação do seu eu individual com o eu coletivo. A cultura e a ideologia dominantes escondem muito, praticamente tudo: história incruenta, escravidão açucarada, democracia racial etc. (Ianni *in* Duarte, 2011, p. 185)

A literatura afro-brasileira está organizada em um campo estratégico de linguagem formado a partir de sentidos e significados comprometidos com projetos, obras, temas e “invenções” que estimulam o conhecimento e a formação de uma consciência Negra ativa (Gordon, 2023) por meio das produções literárias. A literatura afro-brasileira aborda aspectos sociais e psíquicos constitutivos da persona negra, seja na sua subjetividade individual ou coletiva. No sistema de produção do texto afro-brasileiro, o sujeito negro é sujeito da própria discussão. A literatura afro-brasileira é política e provoca na consciência negra uma consciência Negra política. Ninguém nasce com consciência negra, ela é sempre um despertar duro e, até certo ponto, incômodo. Assim, explica Gordon:

Embora a consciência negra seja um rude despertar, outro tipo de consciência pode brotar dessa percepção: a necessidade de ser ativo, de lutar contra a opressão. Esse tipo de consciência Negra, é distinta da consciência negra (com inicial maiúscula); é uma consciência política que encara as contradições asfixiantes das sociedades antinegras. Por medo de enxergar seu reflexo negativo, essas sociedades antinegras frequentemente tentam quebrar o espelho. Suprimir essa consciência exige não apenas a possibilidade negra, mas também a vida política. Sociedades antinegras são, portanto, fundamentalmente antipolíticas e antidemocráticas — porque estão empenhadas em bloquear o acesso das pessoas negras à cidadania —, e por isso lutam contra seus próprios membros que combatem o enfraquecimento negro. Essa luta revela uma temida verdade do empoderamento negro: a luta contra o racismo antinegro é, em última instância, uma luta pela democracia. (Gordon, 2023, p. 29)

Os intelectuais afro-brasileiros trabalham principalmente no compasso do desvelamento da invisibilidade racial e de gênero. A autora Conceição Evaristo é consolidadora dessa vertente literária, ao mesmo tempo em que é uma das vozes mais importantes na contemporaneidade a redimensionar a personagem negra, individual e coletivamente, no âmbito da literatura afro-brasileira, a partir dos desejos, das dores, dos amores e da vontade de existir sem sucumbir à

rejeição do mundo. No projeto literário de Evaristo há uma atenção particular e cuidadosa com a personagem negra feminina para fazê-la existir diante das dificuldades, no enfrentamento com o mundo, próprias das histórias inventadas. As mulheres negras, retratadas na obra da escritora, dão o tom à crítica da invisibilidade racial e de gênero. Mulheres que despontam com muita força da criação literária, ensinando ao mundo como subjetivamente e objetivamente vivem. A capacidade de Evaristo, em ficcionalizar as histórias dessas mulheres, vem do poder de observação, audição e compreensão da autora em relação à forma como as personagens brotam do pensamento para o texto afro-brasileiro.

Há personagens que nascem na obra de Evaristo da prontidão do dizer, de uma construção imaginativa alicerçada na crítica a uma vertente da tradição literária brasileira ainda influenciada pelas histórias de personagens brancos, masculinos, escolarizados e de nível social privilegiado (Dalcastagnè, 2012). O protagonismo das personagens negras na produção literária das escritoras afro-brasileiras, especificamente na de Evaristo, é um contraponto necessário à reversão de um estado de dupla consciência que bloqueia a persona negra para o despertar político da consciência Negra. Na literatura filosófica de Evaristo é possível observar duas possibilidades de problematização da existência negra feminina: uma voltada para a desconstrução das abordagens enviesadas da mulher negra na literatura instituída e outra que desenha a humanidade das personagens nas relações delas com a família, com os afetos, com os amigos, com as pessoas no entorno social etc. Evaristo demonstra com categoria que as personagens vêm de um lugar e estão enraizadas na existência da representação negra e coletiva que nunca morre.

Considerações finais

Mas o que a literatura afro-brasileira escrita por Evaristo apresenta de decolonial? Ao propor uma escrevivência como ponto de partida para o arcabouço da sua produção literária, a autora torna o conceito uma prática. E como prática, o conceito se amplia, se desdobra, se multiplica e se reverbera em contextos distintos, impulsionando outros intelectuais a teorizar sobre um modo de oposição ao padrão eurocêntrico colonial que coloca em evidência uma escrita viva, peculiar e repleta de entremeios desconhecidos em relação às experiências de existência dos povos subalternizados. O objetivo dos teóricos decoloniais é demonstrar como essas experiências do ser e do saber, principalmente aquelas que brotam da força política dos movimentos sociais, são constitutivas de uma visão crítica da sociedade.

Catherine Walsh questiona, na abertura do seu mais recente livro *Rising up, living on*, a respeito da importância das histórias que ainda precisamos contar sobre nós e interroga que as histórias contadas sobre nós colonizaram nossas mentes como parte de um discurso político de um projeto global de colonialidade de poder.

How many stories have we been told? How many stories have been shrouded, silenced, and untold? And what about all those distorted stories that form part of the master narrative, the myth of nation-state, universalism's political discourse, and coloniality global project all wrapped up as one? Those stories constitutive of the enduring colonial legacy and devastation, and most especially legacy and devastation that is the colonization of mind? The Pakistani feminist Corine Kumar reminds us of these stories, while calling forth the many others that we need to exist and re-exist in a world where existences outside and in the fissures and cracks of the dominant story line and denied¹¹. (Walsh, 2023, p. 01)

É contra o discurso da colonialidade de poder que os intelectuais decoloniais têm se posicionado, em diferentes áreas do conhecimento, sob diferentes perspectivas, dando enfoque a práticas de experiências de existência interrogativas de toda forma de violência e opressão lançadas pela modernidade no mundo. São vozes que contribuem, dessa maneira, com possíveis perguntas a um repensar lógico da responsabilidade e consciência humanas diante dos problemas que assolam nossas vidas, a nossa sobrevivência e a nossa permanência no mundo. *Macabéa: Flor de Mulungu* não é a resposta, mas a pergunta elaborada por Evaristo dentro dessa lógica. Ao criar uma narrativa, cuja centralidade do texto, está comprometida com o legado das mulheres negras na representação da personagem redesenhada nos contornos da proposição afro-brasileira, a autora corrige a tradição literária, reafirmando nossas heranças raciais e culturais afro-brasileiras, e apostando na força política da pedagogia do discurso identitário afro-brasileiro para o despertar da consciência Negra. A Flor de Mulungu vive e sempre viverá porque ela simbolicamente carrega a nossa vontade de vida, liberdade e transformação.

Referências

¹¹ Tradução livre da citação: “Quantas histórias nos foram contadas? Quantas histórias foram encobertas, silenciadas e não contadas? E o que dizer de todas essas histórias distorcidas que fazem parte da narrativa mestra, do mito do estado-nação, do discurso político do universalismo e do projeto global da colonialidade, tudo embrulhado como um só? Essas histórias constitutivas do legado colonial duradouro e da devastação, e mais especialmente do legado e da devastação que é a colonização da mente? A feminista paquistanesa Corine Kumar nos lembra dessas histórias, ao mesmo tempo em que evoca as muitas outras de que precisamos para existir e reexistir em um mundo onde as existências fora e nas fissuras e rachaduras da linha da história dominante são negadas” (Walsh, 2023, p.01).

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. Seleção, notas, ensaios. *Machado de Assis afrodescendente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

EVARISTO, Conceição. *Macabéa: flor de mulungu*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GORDON, Lewis R. *An introduction to Africana Philosophy*. New York: Cambridge University Press, 2008.

GORDON, Lewis R. *Medo da consciência negra*. São Paulo: Todavia, 2023.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SILVA, Rosemere Ferreira da. Entre o literário e o existencial, a “escrevivência” de Conceição Evaristo na criação de um protagonismo feminino negro no romance Ponciá Vicêncio. *Revista EntreLetras*, n.1v 8. p. 07-23 jul, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/3674> Acesso em 30 dez. 2024.

SOUZA, Florentina. *Leituras de EtniCidades*. Salvador: Segundo Selo, 2020.

WALSH, Catherine E. *Rising up, living on: re-existences, sowings, and decolonial cracks*. Durham: Duke University Press, 2023.

Recebido em 30 de dezembro de 2024
Aceito em 30 de dezembro 2024